

## **“QUINCAS D’ÁVILA” & “CHICO TURCO”**

Nos confins deste país e até mesmo nos sertões circundantes a São João del-Rei (MG), até pouco além da primeira metade o século XX, notava-se resquícios d’um coronelismo que havia sido bem mais arraigado no final da centúria anterior. Era a amostra da estrutura de poder que foi herdada da República Velha, época em que se privilegiava o mandonismo e o apadrinhamento, com o controle dos chamados *currais eleitorais*, dos *votos de cabresto* e, conseqüentemente, da execução de arbitrariedades das mais diversas naturezas; as lideranças daquela época, geralmente latifundiários que controlavam os meios de produção, visavam manter o controle social de onde viviam e das adjacências para a obtenção de poder e prestígio político. Era uma espécie de troca de favores em que o coronel forçava a dependência da população para si por meio de promessas de trabalho em suas terras, fornecimento de alimentos, remédios, segurança, algum dinheiro emprestado ou até mesmo, quando necessário, com intimidação e adoção de violência, atos executados por capangas, jagunços, pistoleiros ou justiceiros (indivíduos que se prestavam ao trabalho paramilitar de oferecer-lhes proteção e segurança).

Assim, as nossas roças também fá foram espécies de arenas abstratas onde o mal grassava e os maus jogavam com o destino dos homens de bem, onde Deus e o Diabo travavam uma espécie de batalha, triunfando aqueles que fossem mais fortes ou tivessem mais sorte na salvação de seus corpos. Infelizmente, aos mais fracos e menos favorecidos pela sorte restavam a danação de suas vidas. Em todas as partes dos sertões dominava um chefe político que vivia cercado de acólitos e jagunços já conhecidos pelos flagelos que adotavam e que deixavam irrequietas as fazendas, levavam terror aos arraiais e às cidades, pois atuavam sob o manto da desvalia e muito facilmente molhavam a terra com o sangue de inocentes, dos que se mostravam mais destemidos ou desobedientes.

Tradições orais nos dão conta de que não é exagero algum afirmar que dois dos mais autênticos representantes da fase do coronelismo e do jaguncismo na nossa região foram o “coronel” Joaquim José de Ávila, vulgo *Seu Quincas de Ávila* (ou *Quincas do Engenho*), que se esforçava para manter respeitado para conservar para si algum poder decisório, e o

Francisco Mattar, vulgo *Chico Turco*, considerado por muitos como se fosse a versão regional de Jesse James ou do *Billy the Kid*.

O coronel Joaquim José de Ávila nasceu na Fazenda do Engenho de São Miguel e residiu no distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru. Foi chefe político tradicional nesta região; era homem aparentemente generoso e que, mesmo ancião, ainda caminhava com passos firmes que faziam estremecer o assoalho da sua casa. Mostrava-se amigável, sorridente e incapaz de negar os pedidos dos seus muitos afilhados e correligionários. Portava sempre bonita bengala entalhada na madeira e encastoadada com prata; cultivava vasto bigode, que vivia a enrolar cuidadosamente com as pontas dos dedos. Além de ser dono de terras, possuía grande casa na sede do distrito, imóvel ainda existente; no assoalho de um dos quartos da dita residência existe até hoje os vestígios d'um alçapão quase imperceptível e que dava entrada para o porão. Segundo a tradição oral, era lá que ele acoitava os protegidos; contam que ele também para lá descia quando não pretendia receber *visitas inconvenientes*. Quando a situação era *grave* e demandava maiores *cuidados*, ele escondia os seus protegidos no porão, e, como medida de segurança, pedia para esvaziarem uma saca de feijão por sobre a boca do tal alçapão, ordenando que ficasse ali uma serviçal com uma peneira no colo, camuflando a entrada até que o *perigo* passasse, como se ela inocentemente estivesse catando a terra dos grãos. Embora latifundiário, ele morreu solitário e *pobre* no ano de 1971; dizem que até mesmo as suas despesas hospitalares e de sepultamento foram quitadas (voluntariamente) pelo fiel amigo Tancredo de Almeida Neves.

O “Chico Turco” era homem de fala mansa, de trato cortês e de gestos educados, mas era cabra forte, corajoso, astucioso, inteligente, valente, bom de mira e especialista em tocaias, tendo sido muito temido na região, especialmente nesta urbe, seus burgos e sub-burgos. Já me disseram que ele seria um druso (adepto d'uma seita maometana extremista e secreta que tem raízes na Síria e Líbano, com ramificações na Jordânia e em Israel). Dizem que o *Chico* arrogava fazer justiça com as próprias mãos, ou delegava o ato para pessoas leais, as quais cumpriam e executavam com perfeição as suas ordens e os serviços encomendados. Francisco Mattar era bastante precavido: dentre outros cuidados, nunca dava as suas costas para as janelas, não se alimentava

na casa de qualquer um e nem se assentava à mesa de um salão sem ter completa percepção panorâmica do local e o controle visual de quem entrava ou saía dele. *Chico* não era rico, mas levava vida folgada. A lealdade dele para com os amigos era genuína (e vice-versa), mas cultivava poucos relacionamentos, negando-se falar publicamente sobre os seus feitos, admitindo discuti-los apenas mui discretamente com quem fosse da sua mais absoluta confiança.

O que aqui está escrito não revela intenção alguma de penetrar na complicada seara de apreciação dos valores ou das ações de Joaquim José de Ávila e nem de Francisco Mattar. Este registro é apenas um repto em favor da nossa memória. As figuras, as trajetórias e as ações de ambos são retratos fiéis d'uma época e, como tal, têm importância para a nossa história, Com relação a estas duas personalidades, as coisas ainda necessitam de ser mais bem pesquisadas e desvendadas, até mesmo porque se assim procedermos teremos a oportunidade para confirmar e/ou desmitificar (ou desmistificar) fatos e boatos.

Acredito que numa cidade onde até *os sinos falam* certamente deverá existir pessoas que saibam muito mais coisas do que eu sobre a trajetória do coronel *Quincas d'Ávila* e do intrépido *Chico Turco*. A estas eu rogo que nos ajudem a livrar o assunto das muitas brumas que ainda o encobrem1 Quem se habilita?



*Quincas d'Ávila*  
(Década 1970)



*Chico Turco*  
(Ano 1939)

**Este texto foi publicado originalmente no *Jornal de Minas***

S. João del-Rei - MG, ano XIV, ed. nº 243, de 02/05 a 08/05/2014, pág. 2



Joaquim José de Ávila, o *coronel Quincas d'Ávila* – Foto s.a., ano de 1928